

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

A JORNADA PELA IDENTIDADE E AUTONOMIA EM ATYPICAL E AS REPRESENTAÇÕES DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA¹

THE JOURNEY FOR IDENTITY AND AUTONOMY IN ATYPICAL AND THE REPRESENTATIONS OF AUTISM SPECTRUM DISORDER

Abia Reami Alves
Graduanda em Psicologia
Universidade Anhembi Morumbi, Piracicaba
(19) 996 858 706 / abia.reami@gmail.com

Daniel Gambaro
Doutor em Meios e Processos Audiovisuais
Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo
(11) 983 277 605 / d.gambaro@outlook.com

Resumo:

O presente artigo analisa a série audiovisual *Atypical*, da Netflix, para avaliar como se processa a jornada do protagonista Sam, um jovem com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sua busca por identidade e autonomia. O TEA se apresenta por meio do comprometimento nas interações sociais, comunicação e por padrões de comportamento restritos. A série *Atypical* da Netflix retrata Sam na jornada em transição para a vida adulta, enfrentando problemas comuns a qualquer jovem adulto, com menor foco nas dificuldades impostas por sua condição clínica. Assim, a série permite que se discutam temas como identidade, representação e quebra de estereótipo a partir da reconstrução da jornada do Herói e do trabalho do ator como sistema comunicativo. Observou-se que Sam completa sua independência ao final da série, mas pode haver limitações intrínsecas ao ser; já a figura do ator pode produzir mudança cultural, renovando o conceito de “espectro autista” nas narrativas audiovisuais.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista. Autonomia. Identidade. Ator. Representação.

Abstract:

This article analyses the Netflix series *Atypical* to evaluate the journey of the protagonist Sam, who has Autism Spectrum Disorder (ASD), in his search for identity and autonomy. ASD is characterised by compromised social interactions, communication and restricted behaviour patterns. Netflix's *Atypical* portrays Sam on his journey through the transition to adulthood, facing problems common to any young adult, with little focus on the difficulties imposed by his clinical condition. Thus, through the reconstruction of the hero's journey and the actor's work as a communicative system, the series enables a discussion of themes such as identity, representation and stereotype breaking. In conclusion, it was observed that Sam completes his independence at the end of the series, but there may be intrinsic limitations to the *self*; the figure of the actor can produce cultural changes, renewing the concept of "autistic spectrum" in audiovisual narratives.

Keyword: Autism Spectrum Disorder. Autonomy. Identity. Actor. Representation.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido hoje pelo DSM-5¹, como um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta principalmente as áreas de interação social e comunicação (APA, 2013). Os primeiros sinais são percebidos ainda na infância, embora algumas pessoas possam se adaptar ao que se chama de culturalmente “normal” e passam despercebidas nessa fase. Existem dois grandes grupos de sintomas, sendo eles (1) prejuízos na comunicação ou relacionamentos interpessoais, em todas as suas esferas, variando desde a reciprocidade socioemocional, uso de linguagem não verbal (gestos, metáforas ou olhares) até o ajustamento de comportamentos a situações sociais; e (2) comportamentos repetitivos, expressos por meio de uso de objetos, movimentos ou fala, e comportamentos restritos, como interesse em demasia em alguns assuntos específicos – hiperfoco –, além de alta (ou baixa) sensibilidade a estímulos sensoriais. Esses critérios são dispostos em três níveis de gravidade, que dizem respeito à quanto suporte o indivíduo precisará. Contudo, a sintomatologia nem sempre é a mesma para todos os indivíduos, de tal maneira que à medida que o “espectro” traz a experiência de coletividade, também é campo de diversidade, justamente pela vivência singular de cada um.

A série *Atypical*, produzida pela Netflix entre 2017 e 2021, retrata a vida de Sam Gardner, um jovem com Transtorno do Espectro Autista que, no decorrer das quatro temporadas, transita entre o fim da adolescência para a vida adulta. A jornada de Sam se resume principalmente à busca por independência e adaptação, apresentando os obstáculos e problemas do personagem, não os associando ao TEA, mas sim ao período da adolescência e idade adulta, visto que esse período do desenvolvimento é marcado pela busca da identidade, pertencimento, integração na sociedade e é o momento de desvinculação do ambiente familiar, já que os jovens “precisam concluir a negociação de autonomia iniciada na adolescência e redefinir seu relacionamento com seus pais” (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A série traz ainda o núcleo familiar, composto por Elsa, Doug e Casey (mãe, pai e irmã mais nova, respectivamente), e de relacionamentos (Zahid, o melhor amigo e Paige, a namorada), que, apesar de serem uma fonte de segurança para Sam, também se relacionam diretamente a alguns problemas centrais e obstáculos enfrentados pelo personagem, especialmente no que se refere a ações de superproteção. A partir da segunda temporada entram em cena colegas de um grupo de apoio (uma espécie de grupo terapêutico), alguns dos quais se tornam amigos mais próximos de Sam devido à ida dele para a faculdade, como Jasper e Sid.

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

A legitimidade (ou precisão) da representação foi um ponto de crítica levantado pela comunidade de fãs ao término da primeira temporada de *Atypical*, uma vez que se argumentou que não havia muitos atores no elenco que de fato estivessem no espectro². Tal fato foi apontado como “falta de representação”, que levou à introdução de mudanças na narrativa a partir da segunda temporada, tais como a criação do grupo terapêutico de jovens no espectro, composto por atores autistas³, bem como a contratação de atores autistas para interpretar neurotípicos em outras situações. Silva (2007, p.139) aponta que o ator é linguagem e, com sua autonomia, gerencia signos de representação. Se considerarmos que a linguagem é o meio pelo qual se constrói a realidade social e subjetiva (BERGER; LUCKMANN, 2014), cabe a compreensão de que o ator como um sistema comunicativo (linguagem), é em si, capaz de fazer a mediação para a construção subjetiva do imaginário social acerca do grupo representado.

O presente artigo se propõe a analisar a evolução do herói (Sam) ao longo das quatro temporadas no que diz respeito à sua busca por autonomia e independência, bem como identificar se isso realmente é atingido ao final da série, quando o protagonista decide viajar para Antártida. Como objetivo secundário, busca-se articular discussões sobre o papel do ator na representatividade do espectro e sua correlação com uma possível estereotipagem, assim como questões de identidade e representação.

Na próxima seção apresenta-se a metodologia. Em seguida, o artigo traz uma discussão teórica sobre identidade, representação e estereótipo; complementada pela forma como estas são processadas no audiovisual. A seção seguinte desenha a jornada pela independência de Sam, o que culmina na discussão final sobre a pertinência de nossas hipóteses. Argumenta-se, de partida, que a série articula diferentes mecanismos técnicos e narrativos que a afastam das principais acusações de estereotipagem do personagem principal. Sam é um herói, no sentido descrito por Vogler (2006), um personagem desenvolvido em profundidade, cuja construção se complementa no trabalho dedicado do ator e da direção. *Atypical* torna-se, dessa forma, uma potencial ferramenta para reconhecimento a comunidade de pessoas que estão no espectro autista.

2. METODOLOGIA

A metodologia partiu do levantamento bibliográfico referente às diferentes concepções de identidade, estereótipo e representação nos campos das ciências sociais e da psicologia social, com ênfase em Hall (2003; 2006; 2016) e Ciampa (1989; 2001), assim como o referencial teórico de escrita

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

de roteiro, partindo de Christian Vogler (2006), e estudos sobre o desenvolvimento humano relativos à transição da adolescência para a vida adulta (BORGES; MAGALHÃES, 2009; PAPALIA; FELDMAN, 2013), e especificamente dessa fase do desenvolvimento em indivíduos no Espectro. Realizou-se ainda uma busca acerca das repercussões da série na comunidade, por meio de entrevistas disponíveis nas mídias com os produtores e elenco (a produtora Robia Rashid e o ator Keir Gilchrist, por exemplo), e notícias e *reviews* escritas por jovens (ou pais) no espectro. Para o estudo sobre o trabalho do ator, utilizou-se a tese de Silva (2007), que concebe o ator como linguagem.

Esta pesquisa se coloca no campo de análise audiovisual, sendo de natureza descritiva e analítica, uma vez que a partir da observação da série *Atypical* foi feito o registro sistemático e categorizado do percurso do personagem principal (Sam Gardner), de forma a compor seu arco dramático, além de identificar suas características e objetivo da jornada. Para isso, foi feita uma tabela para cada temporada, contendo as seguintes categorias: objetivos, problema central e forças antagonicas. Essa metodologia foi escolhida pois o agrupamento dos eventos e consequente categorização, evita que durante o resgate dos fatos durante o processo de análise o observador dependa apenas de sua memória.

Para a composição e identificação do arco dramático, foi realizado o registro dos fatos ocorridos a cada episódio ao longo de cada temporada, atendo-se sobretudo a Sam. Foi produzida uma tabela para cada temporada, contendo na vertical a identificação “percurso”, definida pela continuidade dos eventos da narrativa, e na horizontal o número de episódios disponíveis (sendo oito na primeira, e dez nas demais).

A partir da sistematização do arco dramático, foi feita uma análise de conteúdo buscando identificar os marcos de evolução da autonomia de Sam, sendo um dos critérios de análise, a comparação do personagem consigo mesmo a cada arco, utilizando-se dos problemas e objetivos. Tal análise originou outra tabela, que continha na vertical o título “evolução de Sam”, e colocou-se os pontos referentes a esse ganho de autonomia, que representa por sua vez a transição para a vida adulta; e na horizontal, o agrupamento desses pontos em categorias intituladas como “marcos de independência” na jornada do herói. Por questão de espaço, não será possível reproduzir esse material aqui, mas a análise aqui realizada representa a síntese desse material. Trata-se, portanto, de uma pesquisa também de caráter qualitativo.

3. IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E ESTEREÓTIPO

O conceito de identidade se apresenta como algo complexo e de difícil conceituação em diversos campos do saber. Na atualidade, é consenso tanto no âmbito das ciências sociais quanto na psicologia social a visão de identidade com um caráter fragmentário e sua construção extremamente ligada à vida em sociedade. No primeiro campo, Bauman (2001) aponta a identidade dos indivíduos como uma tentativa de “dar forma ao disforme” (2001: 89), ou seja, as identidades de fato não se solidificam, mas em objetos externos buscam tentar dar forma ao que é “não moldável”, de tal forma que o consumismo seria o meio pelo qual isso ocorre. O sociólogo Stuart Hall (2006: 75), ressalta a influência da globalização, que se intensifica na segunda metade do século XX, sobre a identidade, partindo da ideia de que quanto mais a vida social é atravessada (mediada) pelos meios de comunicação, os quais remodelam as noções de espaço-tempo e permitem maior fluxo de informações, há também o desalojamento das identidades, e elas parecem “flutuar livremente”.

Na psicologia social, Antônio Ciampa (2001) também parte do princípio de uma identidade construída no social. Ele postula a identidade como um sintagma identidade-metamorfose-emancipação, portanto, trata-se de algo que está em constante transformação, e um dos principais mecanismos “regulatórios” desse processo é o reconhecimento (LIMA, 2018). As diversas personagens representadas por nós nas diferentes situações sociais nos fazem atores de nós mesmos; compõem a identidade e a “dinamizam”, no sentido de que, a depender do contexto ou grupo, determinada face (ou aspecto) dessa identidade poderá ser ocultado ou não.

O conceito de “identidade pressuposta” apresentado por Ciampa (2001: 161), refere-se à expectativa que vem da sociedade (outro) sobre o indivíduo, e contrasta com a “personagem” por ele apresentada naquele momento. Dessa forma, há duas possibilidades para essa ideia imposta: pode ser aceita pelo indivíduo, que passa a reproduzi-la, tomando como sua identidade “real e fixa”, ou pode modificá-la. O caminho da reposição dessa identidade pressuposta pelo outro resulta na condição de “mesmice”, ou seja, a sensação de que os processos de identificações cessaram e apenas uma única personagem reina na representação da identidade. Essa mesmice é também a aparência de uma identidade fixa ou uniforme, que não mais se transforma, o que seria uma tentativa de parar a busca pela emancipação. Contudo, tem-se na direção oposta a mesmidade como um processo em que o indivíduo busca de fato a transformação, a realização da identidade, da mesmidade de ser e pensar (CIAMPA, 2001: 143).

Ciampa traz a importância do reconhecimento do sujeito para a concretização de sua identidade ao apontar que “o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, etc.” (CIAMPA, 1989: 64), ou seja, ao ser reconhecido em um coletivo, o indivíduo começa a se identificar, podendo haver então os diversos movimentos que caracterizam a identidade como uma transformação constante e a levam à emancipação.

Já o conceito de estereótipo pode ser definido a partir de um campo mais cognitivo, como a atribuição de crenças (conscientemente ou não) a um determinado grupo de pessoas, e seria precedente de comportamentos (RODRIGUES *apud* PÉREZ-NEBRA; JESUS, 2011). Todos nós estamos sujeitos a uma representação estereotipada, uma vez que há uma tendência em generalizar o que se apresenta como exterior a “nós” (outro) (SEGER, 1990). Com o aumento do fluxo de informações, especialmente a partir da década de 70, com a globalização, há também uma mudança nas relações de representação da realidade social. Os meios de comunicação auxiliam na regulação de poder e comportamentos do meio social (HALL, 2003), além da moldagem do imaginário social. Como aponta Biroli (2013) é justamente essa posição de destaque da mídia que faz dela um elemento essencial para a propagação e naturalização de estereótipos, de tal maneira que acaba validando certas perspectivas de mundo em comparação a outras.

Os meios de comunicação, tais como plataformas de *streaming*, já têm se dedicado à criação de narrativas audiovisuais que contemplem minorias marginalizadas midiaticamente. Revela-se, aí, uma oportunidade de reconhecimento e identificação das pessoas com esses grupos sociais, como no caso dos personagens autistas de *Atypical* e sua rede de relações. Contudo, mesmo na tentativa de contemplar tais grupos, os produtores podem convergir à ideologia dominante cultural (HALL, 2003), ou seja, à visão estereotipada preexistente sobre o grupo representado. Como aponta Hall (2016: 193), dentro de um regime de representação a estereotipagem constitui um elemento essencial na prática da violência simbólica.

4. A REPRESENTAÇÃO DO ESPECTRO AUTISTA EM *ATYPICAL*

Segundo Stuart Hall (2006: 71) as distintas moldagens nas relações espaço-tempo que ocorrem no interior dos sistemas de representação afetam profundamente as identidades em sua forma de ser localizadas e representadas. Assim, assume-se a ótica de que representação e identidade são indissociáveis, ou seja, não é possível falar sobre o primeiro, sem articular discussões sobre este último. A teoria da codificação e decodificação, defendida por esse mesmo autor (HALL, 2003), pode

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

nos ajudar a entender como funciona a representação do espectro autista nas produções audiovisuais e, mais especificamente, em *Atypical*. O autor desloca o processo comunicativo do aspecto behaviorista para uma perspectiva linguística e social, no qual a produção do sentido só pode ocorrer dentro do discurso, e este é atravessado pela ideologia dominante na sociedade, isto é, as crenças, tradições e rituais. Muitas vezes, ao tentar operar contra tal ideologia, os produtores podem se perder e retornar a ela. Nesse sentido, os codificadores seriam os produtores de série e os operadores da televisão e outros meios, ou seja, todos aqueles que perfazem a transmissão de uma mensagem, ao passo que os decodificadores seriam todos aqueles que a recebem e a decifram (espectadores). A mensagem é polissêmica e, em meio a isso, existe o que se chama “significado de preferência”, ou seja, mais do que aquilo que o produtor intencionalmente espera que o espectador entenda, o sentido opera dentro da ordem dominante já mencionada: a cultura.

Os indivíduos no Espectro Autista, bem como os demais grupos minoritários existentes, tendem a ser vistos de maneira estereotipada pela sociedade (ordem dominante cultural). Algumas produções audiovisuais, como a própria série *Atypical*, parecem operar na “contramão” dessa forma hegemônica de sentido, ajudando na reconstrução da visão desse grupo no imaginário social. O circuito de codificação-decodificação proposto por Hall (2003), apresenta que ambos os lados (espectador e produtor) possuem discursos distintos, de tal forma que a eficácia de transmissão da mensagem depende da *equivalência* cultural em ambos os lados do processo comunicativo. Não se trata apenas da equivalência de repertório, mas a ela soma-se o fornecimento de aparatos linguísticos e técnicos (por parte do emissor), o que permite, então, a compreensão da mensagem. Nesse sentido, implica a construção do personagem de maneira complexa e como “não estereotipado”, e o próprio ator como tal aparato, uma vez que sua “condição de ser linguagem” o coloca como elemento síntese de representação (SILVA, 2007).

Conforme aponta Silva (2007: 140) o ator pode ser compreendido como um sistema de comunicação, tem a função de código, pela qual o receptor há de decifrar o significado que o interessa. Tal fato explicaria as diferentes repercussões da série dentre as comunidades de pessoas autistas. Pensando na representatividade do espectro a partir de críticas apontadas pela comunidade de fãs da série, os produtores introduziram da segunda temporada em diante mais atores que estão de fato no espectro, através da criação de um grupo de apoio que Sam passa a frequentar (se torna substituto das sessões de psicoterapia individual). Silva (2007) aponta que os produtores midiáticos vão em busca de pessoas que sejam comportamental ou fisicamente construídas como personagens em si mesmas. Mesmo que seja uma representação midiática, tal fato vai de encontro à perspectiva de Ciampa (2001)

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

de que, enquanto identidades em movimento, representamos personagens de nós mesmos. Dessa maneira, mesmo que ainda que secundários na série que lhes têm como temática, atores e atrizes autistas passam a ocupar um lugar que lhes é devido.

No que diz respeito às formas de atuação, podemos compreender que o elenco que está no espectro, tais como Sid e Jasper (interpretados por Tal Anderson e Dominique Brown, respectivamente), que na narrativa se tornam amigos próximos de Sam por estudarem na mesma faculdade, não exercem um trabalho de distanciamento efetivamente, visto que seu estilo de atuação remete à interpretação de si mesmo. Em outras palavras: os atores mal se transformam, nos dizem deles mesmo (FERNANDES; MEICHES *apud* SILVA, 2007). Contudo, para o intérprete de Sam (Keir Gilchrist), há um hibridismo entre o que Fernandes e Meiches (*ibidem*) chamam de encarnação e distanciamento, ou seja, à medida que foi necessário o ator adentrar o universo psicológico do personagem para interpretá-lo, ele também se distancia, controlando a atuação e tendo domínio disso. Ou seja: Gilchrist vivencia o “paradoxo” de Diderot (1979) no que isto se refere à busca da identificação com o público com o personagem, garantindo o eventual sucesso de audiência da série. Percebe-se, ainda, que nos moldes da proposta da teoria brechtiana, o intérprete se afasta tecnicamente do personagem a ponto de avaliar criticamente a questão social que é posta pela narrativa: ator e público acabam por se envolver com a situação para possibilitar uma análise social a partir do que é proposto em cena (ROSENFELD, 2012). Tais fatos se ilustram quando Keir Gilchrist, vivendo Sam Gardner⁴, relata que, durante as gravações, havia uma pressão exercida por ele mesmo, devido aos detalhes e às considerações que existem a ser pensadas durante a interpretação de cada cena (ex: evitar contato visual), e que em certos momentos ele tinha a liberdade de parar a cena e junto ao time de consultores e à produção esclarecer algum ponto que ficasse “mal interpretado” ou que pudesse dar margem a erros no personagem.

O ator ainda pode ser considerado “signo em plena semiose”, e tal ação se caracteriza pela sua capacidade de “traduzir” novos tipos de representação (SILVA, 2007). Dentro de um espaço semiótico, o mecanismo de tradução seria uma forma de “adequar” o exterior, ou seja, o sentido que vem de outro grupo social, por exemplo, de forma a reorganizá-lo. Lótman (*apud* VELHO, 2009) propõe que a tradução ocorre quando os sentidos para um grupo social vão sofrendo reorganizações a partir dos encontros dialógicos com outros grupos. A ideia de fronteira, como apresentada por Lótman, é aquilo que se configura como forma de tradução do que é “estrangeiro” para a nossa linguagem. É o local que transforma o desconhecido em conhecido, operando como um espaço onde há uma recodificação. Portanto, é uma delimitação que “filtra e transforma textos estrangeiros de

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

modo que eles se tornem parte da semiótica interna da semiosfera enquanto preservam suas próprias características” (LÓTMAN *apud* MACHADO, 2015: 22). Em *Atypical*, tanto Sam, quanto Jasper ou Sid, são como signos em semiose, visto que exercem tal mecanismo de tradução. Em outras palavras, através de sua presença, eles fazem a transposição do conceito de Espectro Autista para a semiosfera dos seriados audiovisuais, produzindo novos sentidos e atualizando as formas de representar o espectro.

5. A JORNADA PELA INDEPENDÊNCIA

Partimos do pressuposto de que todo protagonista de uma história é considerado um herói, ainda que se trate de uma jornada que conduza à sua própria mente ou às relações interpessoais (VOGLER, 2006). Como pontua o autor, “em qualquer boa história, o herói cresce e se transforma, fazendo uma jornada de um modo de ser para outro” (idem: 35). Em trabalho anterior, (AUTOR, 2021) apontamos que a jornada de Sam configura a transformação da identidade do garoto ao longo das duas primeiras temporadas, ou seja, ele sai de uma posição de identidade pressuposta pelos pais em direção à busca de sua própria autonomia. O objetivo central de Sam ao longo de toda a série se postula principalmente como uma “busca pela independência”, e em contrapartida, o problema identificado (especialmente nas temporadas um e dois) é o da dependência. É importante ressaltar que a conquista de tal objetivo é algo que ocorre de maneira gradual ao longo dos arcos, ou seja, a cada temporada nota-se um novo feito que contribui no aspecto de ganho de autonomia, e “rompimento” das relações de dependência tão presentes desde o início.

O ponto de partida de nosso herói se faz evidente em falas de sua irmã Casey, que, ao se referir à busca de Sam por um relacionamento, diz que o irmão parece apenas estar buscando outra pessoa para dar ordens a ele (se referindo ao fato da mãe Elsa dizer tudo e Sam aceitar sem questionamentos). Sam evolui em sua jornada de herói por meio de alguns eixos, sendo eles: (1) relacionamentos sociais; (2) pensamento crítico, (3) autonomia, no que diz respeito às tarefas da vida diária ou que farão parte da vida adulta; e (4) adaptação.

No âmbito dos relacionamentos sociais, Paige (namorada) e Julia (psicóloga) eram dois grandes símbolos da dependência de Sam, para além de Elsa. Ao final da primeira temporada, esses dois vínculos se rompem, o que poderia indicar uma parcial resolução. Em contrapartida, na temporada seguinte, o que antes se destinava ao núcleo familiar (ajuda com dilemas morais, situações sociais), se desloca para o grupo de amigos – Evan, Paige e Casey –, e as sessões de psicoterapia

individuais são substituídas pelos encontros regulares do grupo de apoio para jovens autistas que estão nessa mesma transição de fase adulta, o que tem também efeito terapêutico sobre Sam, levando-o a refletir sobre diversos temas abordados nas conversas. Ou seja: a partir da troca de experiências, ele reflete em casa sobre o que foi conversado e toma a ação por si só. O desenvolvimento progressivo do aspecto de pensamento crítico, que passa a se dar especialmente a partir da segunda temporada, quando ele passa a frequentar o grupo terapêutico, pode ser explicado pela ideia de reconhecimento anteriormente apresentada neste artigo. Sam é reconhecido no grupo terapêutico primeiramente por Ms. Whitaker⁵ (outro), que o convida a participar do grupo e vê nele suas outras “personagens” para além da visão de “Sam-limitado” legada pela mãe (Elsa). À medida que Sam passa a ser reconhecido nesse coletivo, há o abandono da mesmice, ainda que de maneira gradual, mas com o lançamento em direção a essa identidade em movimento.

Todo o núcleo familiar, em maior ou menor grau, de alguma forma acaba exercendo ações de superproteção com Sam, o que implica privar o indivíduo de fazer coisas que ele já seria capaz sozinho. Ao longo das temporadas, Sam passa a gradualmente desvincular-se das pressuposições dos pais, por exemplo, seguindo de fato o que deseja. Na primeira temporada, Sam quer ir ao shopping com a mãe para comprar roupas (capítulo 03), e a mesma fica receosa em relação à hipersensibilidade e aos diversos estímulos sensoriais existentes nesse local, contudo, ele vai mesmo assim. No episódio 5, Sam percebe que gosta de Paige, e confronta a irmã sobre o fato de ela ter coagido a garota a terminar com ele, afirmando então que “todos nem tentam me conhecer, mas a Paige tentou”. Ao final da quarta temporada, tanto Sam quanto Paige percebem que, embora se gostem muito, as oportunidades profissionais ou de realização que surgem exigem que ambos sigam seus próprios caminhos. Tal reconhecimento comprova essa autonomia nos relacionamentos interpessoais.

Buscar pela independência é romper a visão cristalizada (estereotipada) de ser. Nota-se que, especialmente os pais, colocam mais “limites” à autonomia do filho do que eles de fato existem. A identidade pressuposta por eles é de que Sam não irá conseguir lidar com o mundo ou com os desafios do mundo (que se apresentam a qualquer jovem), e à medida que Sam se transforma, em decorrência de seus diversos papéis sociais e experiências, e vai ganhando autonomia, ele modifica essa pressuposição que foi colocada sobre si. Entretanto, ocorre o “fetiche de personagem”, ou seja, uma aparência de identidade fixa, ainda que o indivíduo deixe de desempenhar determinada função social ou papel que dá origem àquela personagem da sua identidade, sua imagem continua vinculada ou restringida àquilo. No caso de Sam, o garoto deixa de desempenhar o “papel” de ser-limitado, mas no imaginário dos pais (especialmente da mãe), essa face da identidade é a que está “fixa”.

Quanto aos aspectos que indicam autonomia e socialmente apontam uma transição à vida adulta, foram identificados na série: (1) ter uma conta bancária própria; (2) entrar na faculdade; (2) trabalhar; (3) dirigir; (5) morar sozinho. Na segunda temporada, o objetivo de Sam era se inscrever na faculdade e de fato conseguir entrar em uma, e ele alcança isso. Entretanto, na temporada seguinte seu maior objetivo gira em torno de não falhar na faculdade, pois uma colega do grupo (Amber) apresenta uma estatística que diz que 4 em cada 5 autistas não concluem o curso, o que deixou Sam preocupado (temporada 03, episódio 01). Ele sente dificuldades no início das aulas, não apenas por algumas disciplinas, mas pela adaptação ao novo ambiente. Em um dos episódios, Sam menciona que a professora de Ética fala muito rápido e ele não consegue anotar, tendo dificuldades com a aula (temp. 03, ep.03). O amigo Zahid dá algumas dicas de como anotar enquanto pessoas falam, mas não é suficiente. É oferecido no campus um serviço de assistência especial, mas Sam não quer fazer uso disso. Ao conversar com seu pai, este sugere que continuar sozinho, sem deixar ninguém o ajudar, pode ser difícil, mas se ele quiser continuar assim, uma possibilidade seria trancar alguma disciplina. Sam solicita então pelo serviço de assistência, e faz novas amizades no local.

Em uma das cenas, Sam está no grupo de apoio, e o tema conversado é sobre trabalho e dinheiro. Ao dizer que não tem uma conta no banco e sua mãe é quem faz os depósitos por ele, uma colega ri dele, o que o impulsiona a criar uma conta bancária. Sam argumenta ainda aos pais que “como eu vou aprender a gerenciar meu dinheiro se não tenho uma conta bancária?” (temporada 02, episódio 05). Sam passa sua primeira noite fora de casa ao dormir na casa de Zahid (episódio 06), e já na temporada seguinte, ele busca uma vaga nos dormitórios da faculdade, visto que pretende se mudar da casa dos pais. Embora ele não se mude para os dormitórios de fato na terceira temporada, no arco seguinte ele vai morar com seu amigo Zahid em um apartamento. Sam percebe a ambivalência de sentimentos ao morar longe dos pais, evidenciada, por um lado, num momento em que conversa com o amigo dizendo que o “sozinho é mais sozinho do que eu pensava” (temporada 04, episódio 01), e por outro quando, precisando voltar à casa dos pais para usar seu antigo quarto como “biblioteca” para um trabalho de ética (capítulo 02), se queixa com a mãe por proibi-lo de comer biscoitos no quarto sem colocar o alimento em um frasco: “esta biblioteca é horrível”.

Ao final da temporada 4, Elsa assume abertamente que tem uma dificuldade com mudanças e deixá-lo partir, o que configura, ao longo de toda a narrativa da série, uma das forças antagônicas de Sam. Em uma sequência nessa mesma temporada, Sam bate a porta de seu quarto, no novo apartamento, e ela se tranca pelo lado de fora. Ele então liga para sua mãe e sua irmã pedindo por ajuda, e ao chegarem ao apartamento, Elsa começa a conversar com o filho entre a porta. Sam aponta

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

que se mudar foi uma ideia horrível, e a mãe então conta a história de que quando era mais nova, a avó de Sam foi para a reabilitação, e Elsa prossegue dizendo que esse evento a deixou triste, e que ela não estava pronta para viver sem a mãe, de tal forma que ela desenvolveu uma espécie de barreira, ou seja, dificuldade em deixar pessoas partirem, confessando também que manteve as caixas da mudança de Sam em sua casa não pelo garoto, mas por uma dificuldade própria de ver as pessoas partindo.

A jornada de Sam na quarta temporada pode se traduzir em “adaptação”, fator chave para exercício de autonomia e independência. Sam já inicia sua jornada com uma cena de mudança para o novo apartamento onde ele vai morar com o amigo Zahid, porém o “chamado à aventura” (VOGLER, 2006) surge quando ele se torna assistente de pesquisa para conseguir passar na disciplina de Ética, e o tema investigado é “*mastery*”, a essência do domínio de algum tema. Sam percebe que entende tudo sobre Antártida e os pinguins, e decide que quer viajar para lá – o primeiro episódio da série chama-se Antartica, as analogias construídas pelo personagem em quase todos os capítulos envolvem pinguins. Os adultos no espectro podem fazer de seus interesses especiais fontes de prazer e motivação, fazendo disso caminhos para emprego e educação (APA, 2013: 54), o que é então visível na narrativa, uma vez que Sam segue para a área interdisciplinar entre Artes e Ciências Biológicas – Sam é um exímio desenhista.

A primeira opção de Sam era trancar a faculdade, mas ele consegue uma vaga no programa de artes para fazer pesquisa no país desejado. A partir de então, ele passa a se planejar, tanto financeiramente, buscando formas de renda complementar através de desenhos por encomenda, quanto às questões culturais que circundam uma viagem ao exterior. Ele cria um itinerário da viagem, e pede que seus familiares e amigos o ajudem no treinamento relativo aos costumes e cultura da Antártida (ex: comidas diferentes, clima, aprender a montar uma barraca). Casey é responsável por ajudar Sam com o condicionamento físico, pois ele terá que carregar peso – como sua mochila e equipamentos; Elsa é designada a ajudar com a ampliação do paladar, pois lá as opções de comida são bem restritas; Doug em ajudar com as habilidades de sobrevivência; e Zahid se propõe a ajudar com questões médicas (ir junto nas consultas, exames, orientá-lo), visto que Sam relata ter medo de exame de sangue, por exemplo. Todo esse percurso pode ser entendido como a fase dos “testes, aliados e inimigos” proposto por Vogler (2006). Contudo, após esse longo preparo, a viagem é cancelada devido à baixa adesão ao programa, o que deixa Sam momentaneamente chateado, até que ele decide viajar por si só, afinal, todo o itinerário e treinamento estavam prontos. Esse fato pode ser a expressão máxima de sua evolução em termos de independência e adaptação. Ao fim do episódio

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

10, Doug pergunta ao filho se pode se juntar a ele na viagem, dizendo que pode ser apenas para ajudar a segurar as malas/equipamentos. Sam aceita a companhia do pai. Essa sequência retorna ao herói a possibilidade de escolha, mas tal discussão não se encerra aí. O DSM aponta que mesmo os adultos no espectro que possuem maior autonomia e, portanto, podem atingir maior independência, como Sam, podem continuar vulneráveis socialmente, ou com dificuldades para organizar as demandas sem ajuda (APA, 2013: 56). Duas análises concomitantes se apresentam nesse momento: ao deixar Sam escolher se o pai pode ou não ir, sinalizam a concretização da autonomia de Sam – o objetivo maior do protagonista; por outro lado, os produtores da série talvez tenham sido extremamente cuidadosos ao introduzir a necessidade de Sam ter acompanhamento em uma viagem tão arriscada, usando um subterfúgio de roteiro que não diminui a conquista do herói. Nesta segunda forma de análise, devemos levar em conta que Doug está atravessando uma crise pessoal e precisa se afastar do cotidiano, mas dessa vez não abandonará o filho – uma redenção melodramática. Sam, ao autorizar que o pai se redima, assume também suas fragilidades.

Além da viagem para a Antártida como emblema dessa adaptação, outro ponto que expressa tal conceito é a comunicação de Sam com o mundo. Desde as temporadas iniciais, Sam desenha “*little dudes*” em seus cadernos, bonequinhos nas situações mais diversas que, em geral, são a sua via de expressão quanto a sentimentos ou situações em que ele está angustiado. É uma substituição à forma de comunicação direta, como explica Elsa no episódio 5 da quarta temporada, em uma cena em que explica ao Sam que os desenhos começaram quando Doug abandonou-os por alguns meses após o diagnóstico de espectro autista, e ela percebeu o uso dos “*little dudes*” como uma representação do próprio garoto. Mais adiante, no episódio 10, após o cancelamento do programa de artes – último confronto antes da resolução da série – Sam joga fora todos os objetos que possui relacionados à Antártida, como os que decoram seu quarto, para tentar esquecer sua frustração. Entretanto, ele desenha um *little dude* na Antártida. É novamente Elsa quem aponta o novo fato como uma forma de adaptação, e coloca em discurso que, se o garoto conseguiu se adaptar em comunicação, ele também conseguirá viver no novo local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo primário desta pesquisa foi de analisar a evolução de Sam ao longo da narrativa, em sua busca por independência e autonomia, bem como averiguar se tal objetivo foi atingido. De maneira secundária se propôs analisar a figura do ator para tratar da representatividade do espectro, articulando discussões sobre identidade e representação.

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

Pode-se resumir que a busca do herói por independência se manifestou por diferentes simbologias ao longo de cada temporada, aparecendo inicialmente na busca por um relacionamento, em seguida expresso pelo querer se inscrever numa faculdade e de fato se adaptar a ela, morar longe dos pais e por fim, viajar para outro país. A resolução gradual do problema central da dependência tem início no final da primeira temporada com fim do vínculo terapêutico com Julia e do relacionamento com Paige, e com as escolhas que levam o garoto a questionar a ordem que até então era imposta por sua mãe. À medida que Sam passa a integrar um grupo social, à luz do que apontou Ciampa (1989), ele passa a ser reconhecido nas suas diversas “identidades”, e começa a *se* identificar. O reconhecimento de Sam no grupo como sujeito além de limitações, isto é, o reconhecimento de suas outras “personagens” da identidade (Sam-quase-adulto, Sam-estudante, Sam-colega-de-grupo, etc.) para além daquela pressuposta por sua mãe, possibilitou os avanços na sua autonomia (emancipação), evidenciado pelo desenvolvimento do pensamento crítico ao longo das temporadas dois a quatro. Em outras palavras, essa evolução gradual implica ainda dizer que Sam começa a se deslocar da identidade pressuposta por Elsa (mãe) de dependência e limitação, para a concretização plena da autonomia e da manifestação da sua identidade como metamorfose, em que não está preso à uma única personagem.

Essa jornada em busca da independência de Sam pode ser interpretada ainda como uma descrição da jornada do adolescente em transição à vida adulta, uma vez que esse período do desenvolvimento humano tem como característica a consolidação da identidade que está sendo construída na adolescência, a inserção do jovem no mundo por meio de marcos “sociais” da vida adulta e principalmente as mudanças nas configurações familiares, que se apresentam por meio da “emancipação” (ou desvinculação) do jovem em relação à família para a construção do seu próprio modo de ser-adulto. Logo, reforça-se, a partir desta constatação, o argumento de que a série evita transitar sobre os estereótipos mais comuns que se desenvolvem sobre as pessoas autistas. Ao evidenciar que os desafios apresentados a Sam são semelhantes ao de qualquer adolescente/jovem adulto, o foco narrativo desloca-se do TEA para o crescer que todos atravessamos.

A evolução de Sam ao longo da série pode ser notada em alguns aspectos: (1) dependência das relações externas, a partir do rompimento com alguns vínculos em que ele se apoiava demasiadamente, como o namoro com Paige, a terapeuta Júlia, ou ainda o rompimento da identidade pressuposta por sua mãe; (2) autonomia em tarefas da vida diária, tais como aprender a dirigir, morar em longe dos pais, ter controle sobre seu dinheiro, etc.; (3) pensamento por si só, evidente pelas reflexões de Sam acerca de fatos cotidianos e ainda sobre seu projeto de vida; e (4) adaptação,

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

expressa pelas formas que Sam encontra de se comunicar (através dos desenhos) e principalmente, ao decidir que está pronto para viajar mesmo sem o amparo de um programa de intercâmbio.

O Espectro é algo inerente ao indivíduo, como Sam mesmo aponta na temporada 2, capítulo 4, que “autismo não é conquista” e sim uma característica sua, quando responde à sugestão de Ms. Whitaker para escrever uma redação sobre as conquistas com o autismo, como o fato de ele ter um trabalho estável há mais de um ano. Considerando, então, que Sam traz o espectro como intrínseco a si, algumas características continuarão presentes mesmo que haja um alto nível de funcionalidade, como a “não percepção do outro” – das reações, emoções dos pares dentro de novas interações sociais – o que pode impactar na comunicação e deixar, de alguma forma, vulneráveis socialmente mesmo indivíduos que alcançaram alto nível de autonomia e independência como aponta o próprio DSM (APA, 2013: 56).

Sendo colocado o TEA como característica intrínseca de Sam, tais aspectos como essa dificuldade de percepção do outro também se farão intrínsecas ao ser. Sendo assim, o suporte pode fazer-se necessário; contudo, o desfecho apresentado na série coloca esse mesmo apoio como algo a ser escolhido pelo herói: afinal, ao final da jornada, ele está transformado e capaz de, agora, refazer seus caminhos carregado com poderes, entre eles a sabedoria e a capacidade de controlar seu próprio destino (VOGLER, 2006). Até mesmo no momento em que é colocada a possibilidade de solicitar os serviços da faculdade de acesso especial, Sam inicialmente se recusa (quando parecia ser imposto), mas depois opta por conhecer o local e aceita o suporte, descobrindo até mesmo um espaço de integração (e reconhecimento coletivo).

Seria importante analisar mais detidamente o papel do pai como acompanhante de Sam na Antártida – se essa ação corresponde a uma solução de roteiro ou se é compatível com uma suposta necessidade de suporte mesmo entre indivíduos com alto nível de autonomia. Tivemos dificuldades em encontrar literatura referente à população TEA na idade adulta e as necessidades de suporte familiar, bem como os demais aspectos referentes à essa fase do desenvolvimento. A baixa disponibilidade de artigos com essa problemática nas bases científicas contrasta com a maior parte das pesquisas, que se direcionam ao entendimento do espectro durante a infância. Não é possível, entretanto, afirmar se é uma área realmente pouco explorada, visto que para isso seria necessário um levantamento sistemático de bibliografia, o que se dispõe como sugestão para pesquisas futuras.

A representação no meio audiovisual permite que o espectador dê diferentes significações àquilo que se vê, de tal forma que o não fornecimento de aparatos linguísticos (e visuais) poderia causar distorções na comunicação intentada pelo produtor. Cabe aqui então considerar o ator como

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

um desses meios linguísticos fornecidos para que a representação seja “decodificada”. Mesmo com as diferentes formas de trabalho do ator, como o movimento de “atuação de si” dos atores que estão no espectro, ou a dialética de “encarnação e distanciamento” do intérprete de Sam, a presença do ator sintetiza e atualiza o conceito de espectro autista na semiosfera audiovisual, uma vez que, em apenas uma figura é convergida o “conceito” de Espectro como coletivo, na mesma medida em que se coloca como a vivência singular desse mesmo espectro.

Nesse sentido, pode-se concluir que *Atypical* é uma nova forma de representação do Espectro Autista nas mídias, assim como um meio de disseminar informações acerca desse grupo, especialmente na fase da adolescência e início da vida adulta, visto que (1) há problemas com a falta de literatura nesse campo, e (2) há um conhecimento estereotipado que circula no meio social acerca desse grupo.

NOTAS

¹ *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder* da American Psychiatric Association, é um livro guia dos diagnósticos em transtornos mentais usado mundialmente. Atualmente, a Classificação Internacional de Doenças – versão 11 (CID-11) em vigor a partir de Janeiro de 2022, oficializa o termo “Transtorno do Espectro Autista”, embora tal nomenclatura já estivesse sendo aplicada desde 2013 com a publicação do DSM-5.

² *'Atypical' Star Keir Gilchrist on How Show Dealt With Early Criticism And What's Next for Sam* por *TheWrap*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UhY7Yo1j99U>

³ Previamente à entrada na série, esses atores faziam parte de um projeto onde eles tinham aulas de atuação.

⁴ Entrevista para *BUILD Series – “Why 'Atypical's' Keir Gilchrist Puts Pressure On Himself”*, disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=aEg2avGinUQ>

⁵ Ms. Whitaker, interpretada pela atriz Casey Wilson, aparece apenas na segunda temporada da série como uma assistente de colégio responsável pelo grupo de apoio aos jovens autistas.

REFERÊNCIAS

APA - American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. Fifth Edition. Arlington, VA, American Psychiatric Association, 2013.

AUTOR, 2021. Removido para avaliação cega.

'Atypical' Star Keir Gilchrist on How Show Dealt With Early Criticism And What's Next for Sam. 2018. Vídeo (2min). Publicado pelo canal The Wrap. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UhY7Yo1j99U>.

ATYPICAL: temporadas 1 a 4. Criação e Produção Executiva de Robia Rashid. California, EUA, 2017-2021, Sony Pictures Television, Netflix.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.
- BERGER, P.L. ; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BORGES, C. C. ; MAGALHÃES, A. S. **Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família**. Psico, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 1, pp. 42-49, jan./mar. 2009.
- BIROLI, F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 6, 2011. pp. 71-98. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000200004>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, STM; CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 8a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 58-75.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DIDEROT, D. **Textos escolhidos** (Coleção Os Pensadores). Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí, J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HALL, S. Codificação e Decodificação. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11a Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LIMA, A. F. Coisas frágeis: metamorfose, alteridade e reconhecimento na perspectiva da psicologia social crítica. In: LIMA, A. F.; GERMANO, I. M. P.; SABÓIA, I. B.; FREIRE, J. C. (org). **Sujeito e subjetividades contemporâneas: estudos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC**. EDUFC, 2018, p. 29-60.
- MACHADO, I. **Experiências do espaço semiótico**. Estudos de religião, ISSN 0103-801X, Vol. 29, Nº. 1, 2015, p. 13-34.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12ª Edição. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- PÉREZ-NEBRA, A. R. ; JESUS, J. G. Preconceito, Estereótipo e Discriminação. In: TORRES, C.; NEIVA, E. R. (org) **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011, p. 219-237.
- ROSENFELD, A. **Brecht e o teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SEGER, L. **Creating Unforgettable Characters**. Nova York: Holt McDougal, 1990.
- SILVA, R.C.P. **Atuante das mídias: o ator como linguagem na comunicação mediada**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – PUC-SP, São Paulo, 2007.

ALVES, Abia Reami. GAMBARO, Daniel. **A jornada pela identidade e autonomia em atypical e as representações do transtorno do espectro autista.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.17, nº 1, p.44-61. TRI I 2023. ISSN 1980-7031.

VELHO, A.P.M. **A Semiótica da Cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação.** Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v. 10, n. 23, 2009, p. 249-257. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/rec.v10i23.22315>. Acesso em: 14 nov. 2021.

VOGLER, C. **A Jornada do Escritor: Estruturas míticas para escritores.** 2a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Why 'Atypical's' Keir Gilchrist Puts Pressure On Himself. 2018. Vídeo (3min). Publicado pelo canal BUILD Series. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEg2avGinUQ&t=9s>.